

SÃO PAULO

ao São Paulo F. Club

o mais querido da cidade

1931

1943



Léo Azeredo

SÃO PAULO

Ao São Paulo F. C.

— o mais querido da cidade

Direitos autorais reservados

Cada exemplar deve levar o **fac-simile** da assinatura do autor

LÉO AZEREDO

SÃO PAULO

Ao São Paulo F. C.

— o mais querido da cidade



1943

Composto e Impresso no
Estabelecimento Gráfico "Atlantico" — São Paulo

Ao Ilmo. Snr. Dr.

DECIO PACHECO PEDROSO

D. D. Presidente do São Paulo F. C.,

a minha homenagem

A' querida memoria de

RUBENS SALLES

a minha saudade



DR. DECIO PACHECO PEDROSO
Presidente do São Paulo F. C.

I

O ESPÍRITO DE EQUIPE

Os prélios ao ar livre, na sua configuração moderna, retratam a alma de aço das democracias. Em todos os seus característicos vemos manifestar-se o espírito olímpico, a tradição imortal da Helade, celebrada pelo genio de Pindaro e rediviva nas estrofes amplas de Walt Whitman.

O ímpeto da vontade individual no futebol, cada vez mais incoercível, é projetado sobre a equipe. Tanto mais fortes são os "onze" no seu todo, quanto mais harmonia exista entre os mesmos. Cada craque é um membro em ação dentro de um corpo que se articula splendidamente. O jogo individual, aquele que se não orienta pelo sentido comum, é nocivo, porque no futebol

não ha herois egoístas, personalismos estreitos: cada qual vale pela eficiência de seu ardor combativo ,porém dentro de uma técnica equilibrada. O *São Paulo*, embora conte mais do que qualquer outro esquadrão brasileiro com nomes de projeção internacional, não sacrifica o escopo técnico por considerações pessoais a qualquer deles; antes de tudo, prevalecem os imperativos táticos.

Sobre cada conjunto adversário existe uma série de estratagemas especiais que envolvem não só as qualidades dos seus componentes como também as condições físicas e psicológicas dos próprios jogadores. Os critérios de análise são complexos.

Um lapso qualquer nesse sentido resulta não raro em consequências irremediáveis. Quantos clubes de alta categoria não são abatidos por adversários mediocres, perdendo às vezes, a sua colocação nos campeonatos, por só cogitarem os seus técnicos de prepararem os quadros para as grandes partidas?

Esses revezes são comuns a todas as equipes, amargurando o fastígio das vitórias, cujo segrêdo, não raro, reside no equilíbrio desses encontros secundários.

O *São Paulo*, cuja experiência nesses embates tem sido proveitosa, entra em campo com o mesmo ânimo e o mesmo entusiasmo em qualquer partida, embora o ambiente que o cerque não seja desses que se registram em dias de grandes enchentes.

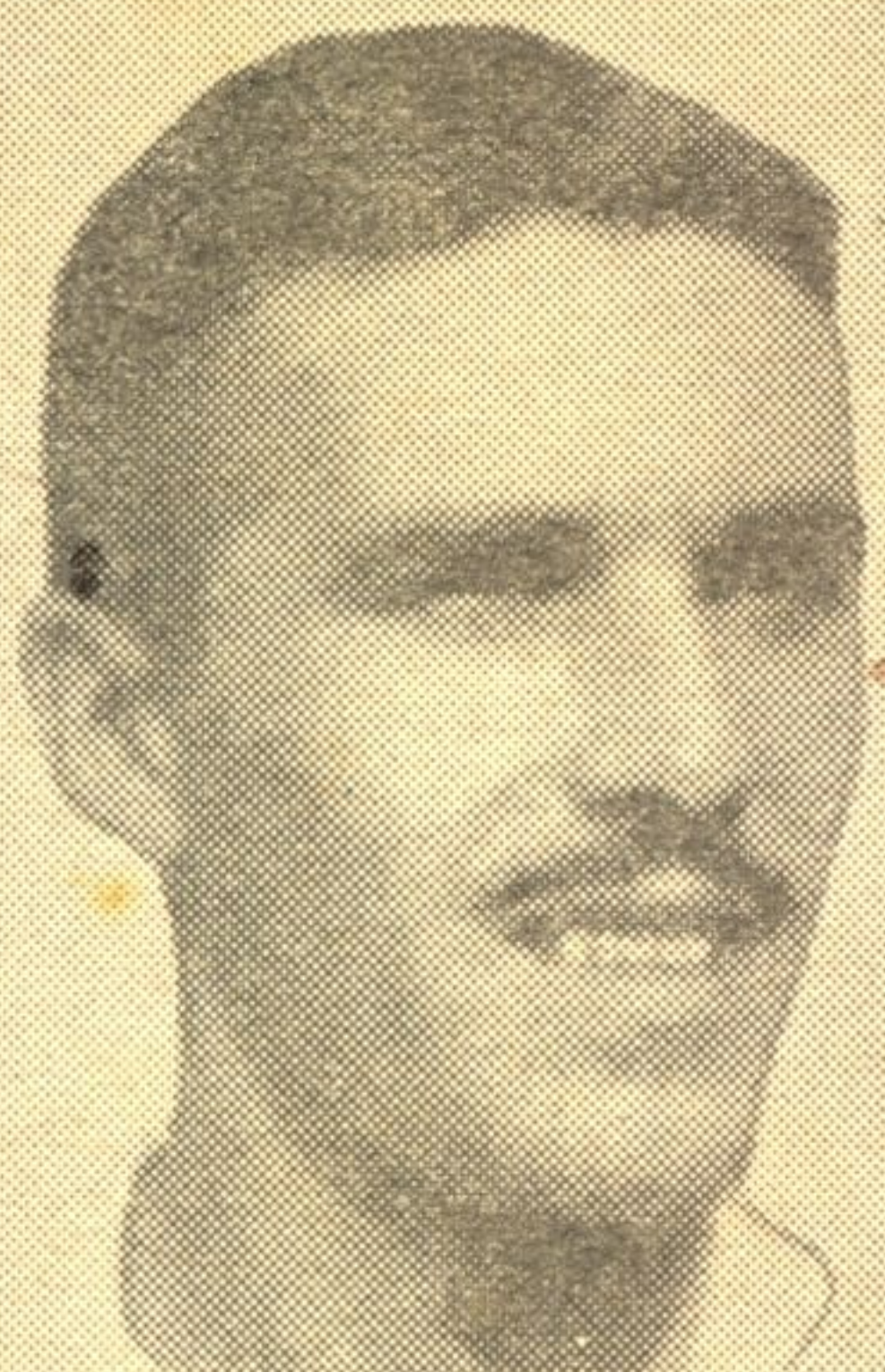
As variações da tabela de classificação no decurso dos campeonatos, têm um dos seus exemplos capitais no

futebol bandeirante em 1943. Com efeito, nenhum ano se apresentou mais agitado, descontrolando os vaticínios dos técnicos e dos críticos abalizados.

Ainda poucas semanas antes do glorioso desfecho do campeonato, uma dúvida atroz se apossava até de *fans* do querido clube do Canindé. Esse temor não se apossou contudo dos seus técnicos e dirigentes, os quais não apelam para o milagroso São Pedro de Leão — como ocorreu na narrativa de Campanile — mas sim para o ânimo viril dos seus craques. A sua crença assentava em bases positivas: nas possibilidades de um quadro adextradíssimo.

Quando a ocasião oportuna se apresentou, não se mediram sacrifícios, operando-se uma radical transformação técnica no seio do tricolor. Dir-se-ia que a campanha marcava um ritmo todo novo no espírito de conquista sanpaulino. Com efeito, na tarde memorável de 3 de Outubro assistimos ao início de uma nova era no futebol bandeirante.

Não se dormitará sobre os louros da vitória, nem se quedará a intrépida equipe no gozo de delícias de Capua. Agora é que o *São Paulo* assentou definitivamente a base de suas futuras operações. Tão cedo não se encerrará o ciclo de suas vitórias, porque assim o quer a família esportiva mais coesa e entusiástica do Brasil. A afirmação da supremacia do esquadrão predileto da alma paulista foi nítida, positiva e valorosa, ascendendo o mesmo num só arranco a posto disputado por dois adversários possantes, o Palmeiras e o Corinthians, que



Luizinho



Zezé Procópio



Sastre



Leônidas



S.P.F.C.

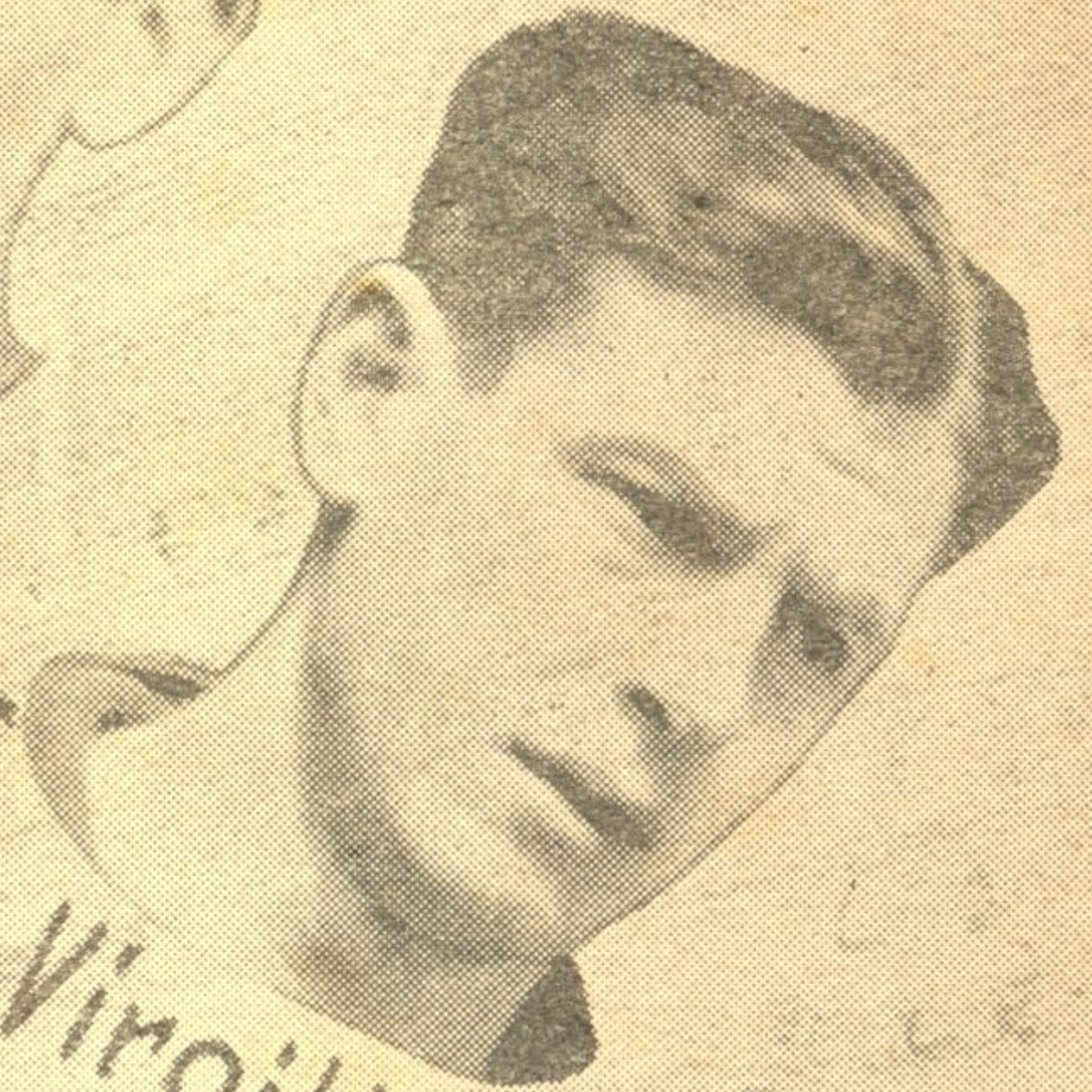
Uma nova era
para
o futebol pa...



Piolim



King



Virgilio



Zanzun



Zônidas



Noronha



Remo



Pardal

Paulistano

II

O VALOR DA TÉCNICA

Não passando a vida humana de uma série de experiências sucessivas, todos os fatos que no seu decurso se consumam, devem ser julgados através dos frutos que produzirem.

No futebol, o sentimento da justiça esportiva e o da tolerância refluem a uma espécie de liberalismo de caráter — como notou Cazamian na Inglaterra —, enunciada pela generosidade pura e simples. Os homens, como as nações e quaisquer empreendimentos, devem ter uma “chance” ajustada aos seus objetivos.

Em todos os jogos, o ideal de justiça, os impétos da rivalidade e as contingências da refrega, são de uma

elasticidade ampla. A melhor tarefa, aquela que encerra uma unidade absoluta, acaba por predominar.

A tática, essa não se encontra na “Referées Charte”, fugindo às cogitações das maiores autoridades na matéria, como F. Rous.

Nas partidas em que se empenhou o *São Paulo*, a crítica sempre teve um terreno fértil a abordar. Nenhum clube brasileiro tem sido tão analisado em sua técnica e em todos os seus atos quanto o do Canindé. As suas disputas, ainda mesmo aquelas em que não lhe foi dado levar a melhor, apaixonam as multidões.

Quando falamos de crítica, é natural que nos referamos àquela que geralmente revela algo de apreciável nesse particular. Explosões de paixão ou de ódio, partam donde porventura partirem, podem ser tidas em conta de sublimações de torcida e nunca de análise, faculdade, aliás, bem difícil de exercer-se.

A atmosfera criada em São Paulo pelo clube mais querido da cidade de Anchieta, é dessas que subjagam a tudo, especialmente nas vésperas ou nos dias que se sucedem aos seus jogos mais expressivos, os quais apaixonam torcida e adversários.

Coube ao *São Paulo* a glória de ter tornado o futebol paulista a preocupação máxima das massas, antes como que indiferentes aos prélios que se feriam em suas canchas; esse serviço não há quem de boa-fé possa negá-lo.

E' natural que outras correntes menos expressivas da sociedade se sentam como que despeitadas pelo

impulso soberbo do futebol no Estado mais representativo do país, havendo até quem pretenda negar ao esplêndido jogo bretão a sua qualidade de esporte.

Não julgam, entretanto, sob esse espírito estreito as universidades inglesas e americanas, que são das mais abalizadas do mundo. Oxford, Cambridge, Eton, Yale, Boston, Columbia, Princetone e mais dezenas de escolas superiores possuem o futebol como um curso obrigatório na cultura física dos seus estudantes. Nem por isso os elementos que se distinguiram nas equipes desses colégios — a começar de Churchill — deixam de ser depois homens representativos na vida dos seus países: estadistas, diplomatas, sábios, cientistas e figuras culminantes em todas as profissões liberais.

Áqueles que pretendem insinuar que o futebol está deseducando a mocidade brasileira, opomos a convicção dos nossos maiores homens, a começar de Ruy Barbosa e Alberto Torres.

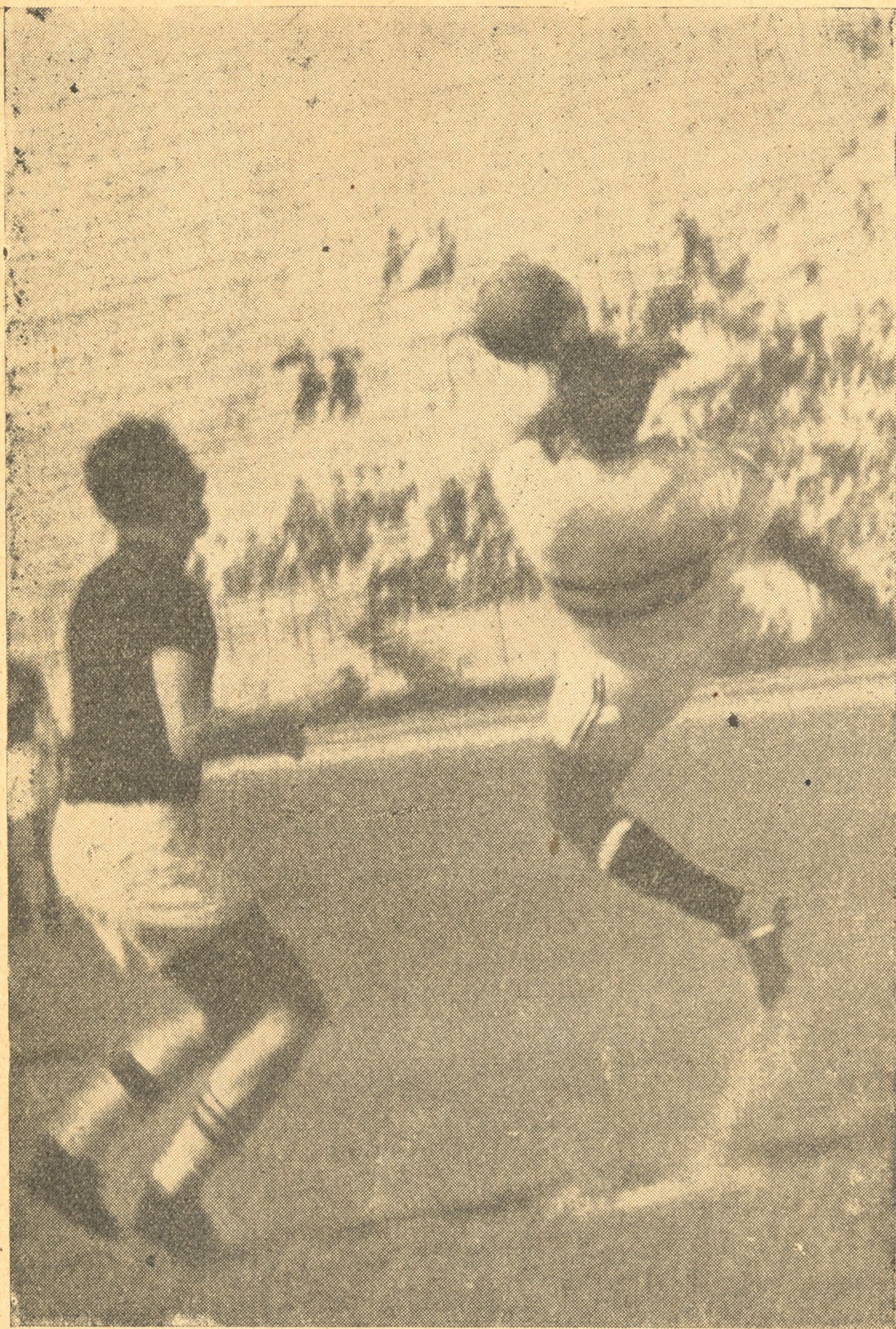
Bourget já se mostrava entusiasta desse esporte em pleno século passado, quando Pierre de Coubertin, o maior impulsionador das olimpíadas internacionais, iniciava a cruzada de sua propagação a todas as escolas do universo.

Maeterlinck tem a prática de esportes dessa natureza, como o principal fator da grandeza de um povo, dizendo: “c’est le premier, le plus vaste et le plus eternal de nos devoirs envers l’espèce”.

Era natural que ao *São Paulo*, cujos fundamentos se arraigam na mais pura tradição esportiva ban-

deirante, naquela mesma falange que compôs a esquadra do intrépido Paulistano, procurasse elevar à posição que lhe cabe por direito de conquista o futebol nacional.

A mocidade do grande Estado que se entrega à prática desse esporte em mil e um clubes espalhados pelo seu "hinterland", congloba todas as classes, numa estupenda demonstração do ânimo construtivo das democracias, assente na igualdade e na higidez da raça — o operário, o estudante, o soldado, enfim, toda a mocidade tem hoje no futebol o seu esporte predileto, orientando a sua técnica pelas admiráveis diretrizes impostas pelo *São Paulo*, o seu clube mais querido.



A famosa "bicicleta" do "Diamante negro"

III

O ESTADIO E A MÉTA

Ao assistirmos uma peleja dessas em que o *São Paulo F. C.* vê coroar-se de plena vitória a “performance” que desenvolvem os craques, sentimos reavivar-se em nosso espírito, a cada escapada de um dos seus vanguardeiros, aquela frase de Euclides de Cunha, na qual o mesmo nos diz que toda a atitude vitoriosa é de uma contingência “inevitável, imposta pela própria fôrça viva adquirida no movimento da marcha”.

A estratégia de uma pugna “fair play” não destôa da tática marcial. Cada condutor da bola visa tirar de sua situação o efeito máximo, cabendo-lhe discernir o momento preciso de um passe ou de um tiro direto que faça sacudir a rêde adversária.

As ações relâmpagos já se conheciam desde a infância do futebol, tendo Kirtchener confessado que muitas sugestões táticas de suas campanhas coloniais lhe foram insinuadas pelo desenrolar de uma partida do esporte predileto da Grã-Bretanha.

Entre as inovações do *São Paulo* que mais impressionam as multidões, eletrizando-as, e estarrecendo-as em expectativas lascinantes, nas quais a emoção toca a todos os seus requintes, temos as espetaculares “bicicletas” de Leonidas, próprias da técnica inimitável do *Diamante Negro*.

Diante desse impeto aligero, desses rodopios em flecha, que vale a anteposição de qualquer zagueiro adversário?

Só Fried nos aureos tempos do Centenário, por volta de 1920-22, era tão temível. O *Diamante* reeditou intrepidamente diante dos platinos as proesas de *El Tigre*, desenvolvendo as premissas de uma tática que, só depois de sua entrada triunfal para o *São Paulo*, encontrou a sua feição definitiva.

Quem, como nós, acompanhou a estupenda atuação do astro de outróra em suas supremas manifestações, pode aquilatar a valia do de hoje; embora a técnica seja diversa, o ardor combativo, a precisão do lance e o fusilar do tiro são comparáveis.

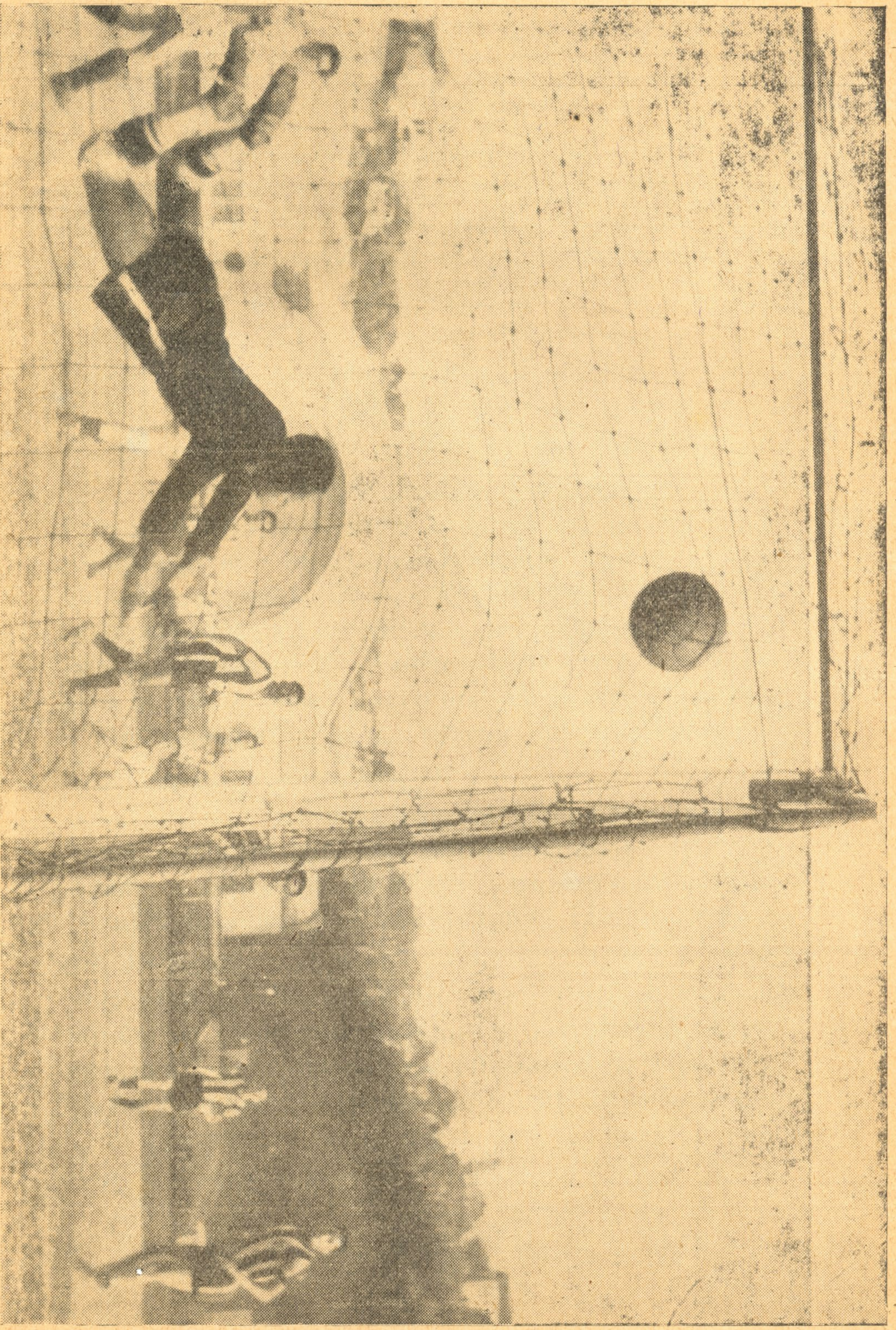
Essa faculdade de ação fulminante não se tornou, porém, um lugar comum no grande craque, o que seria de lamentar; Leonidas, como todo o jogador do clube mais querido da Cidade, nunca foi levado a usar

de qualquer recurso técnico individual por puro exibicionismo. Tudo decorre do imperativo do momento, porque na esquadra sanpaulina a disciplina é rígida, cada qual serve no seu posto, todavia dentro de uma tática comum.

Qualquer craque, como é natural, procura fazer o máximo e brilhar no seu posto; mas esse merecimento e essa conquista não refogem ao âmbito de algumas regras gerais, indicadas pelo orientador máximo do turno vitorioso — Joreca!

E' evidente que a um jogador que atue na qualidade de centro avante pode o diretor da peleja insinuar uma tática secreta que não cabe a um goleiro da fibra de King. A este é necessário o máximo de autonomia, porquanto muitas vezes — e o esplêndido feito de 3 de Outubro foi uma prova disso — o fator do sucesso, está mais na segurança com que a cidadela é defendida do que no impeto cerrado e vigoroso dos ataques.

E' nessa tática que reside o segredo dos campeões.



Remo marcando um "goal" contra o "Club Atletico Ipiranga"

IV

DISCIPLINA, LEALDADE E CONQUISTA

O espírito esportivo — segundo um técnico europeu — multiplica, combina e eleva à sua mais fecunda expressão estas três fôrças: disciplina, lealdade e conquista, fatores primaciais que constituem a grandeza moral não só dos conjuntos como dos indivíduos. E' desse teor a síntese das faculdades morais que enobrecem o homem, tornando-o o dirigente da natureza.

O futebol, escola de vida por excelência, não é apenas um elemento de estímulo para os que o praticam. Quem assiste a uma pugna de tal modo se entrossa no que se desenrola diante dos seus olhos que sente momentos inefáveis na radiosa alegria de viver.

Uma peleja qualquer constitue momento feliz,

uma dessas horas claras e sadías, as únicas que se devem contar na vida, segundo o crítico inglês Hazlitt: — “*Horas non número nisi serenae.*”

O *São Paulo*, transformando a feição do futebol bandeirante, elevou esplendidamente o espírito esportivo nacional. Nunca, nem mesmo nos tempos culminantes do amadorismo, o jogo bretão encontrou tanto reflexo no seio das multidões.

As maiores rendas que se registram na América do Sul são as alcançadas no Pacaembú nos jogos de que é participante o *São Paulo*, constituindo esses sucessos de bilheteria, na insofismável eloquência dos algarismos, uma prova real e palpável do interêsse que o público tomou nestes últimos anos pelo futebol, como, também, um fator econômico expressivo na evolução progressista de nosso país.

O jogo de 3 de Outubro assinalou um recorde, tendo a renda atingido a Cr.\$ 522.577,00, assim dividida:

Numeradas de 50 cruzeiros: 1.713, no total de 85.600 cruzeiros; numeradas de 40 cruzeiros: 8.411, no total de 336.440 cruzeiros; ingressos de arquibancadas: 6.132, no total de 30.660 cruzeiros; ingressos de gerais: 21.209, no total de 63.627 cruzeiros; ingressos de 2 cruzeiros: 1.571, no total de 3.142 cruzeiros; ingressos de 1 cruzeiro: 3.108, no total de 3.102 cruzeiros.

Estima-se em 50.153 pessoas o número de assistentes que estiveram no estádio municipal, das quais 42.143 pagaram entrada, sendo as restantes associadas do clube que no dia usava das regalías de isenção dessa obrigação.

Tomando-se esse particular sob o critério de número de assistentes, forçoso é convir que, ainda que a renda fosse menor devido o importe dos preços das entradas, multidões bem maiores assistiram a outras pugnas do clube mais querido da Pauliceia, detentoras do recorde da venda de entradas.

Como se vê, a gloriosa transformação do futebol brasileiro tem o seu máximo propulsor no Campeão de 1943.

V

O ÍDOLO DAS MULTIDÕES

Os poderes públicos do Brasil, que antes de 1930 se mostravam adversos ao futebol, hoje compreendem em sua plenitude o seu papel de primeira grandeza como uma das bases da educação física da nossa mocidade.

O Presidente Getulio Vargas, secundado pelo ministro Gustavo Capanema, é um entusiasta desse esporte, tendo-o em alto apreço como fator educacional.

Em todo o Brasil surgem estádios como partes integrantes dos programas governamentais, sendo um exemplo capital nesse particular o do Pacaembú, uma das maiores praças esportivas do mundo. Coube ao *São Paulo* a honra de dar até hoje as mais avantajadas assistências a esse esplêndido campo de exibições

atléticas, tudo isso acompanhado de rendas, que constituem um recorde sul-americano, como já demonstramos.

Por que esse quadro atrai maior número de assistentes do que qualquer outro ao Pacaembú?

E' que o mais querido da cidade não desmente o seu renome; nada mais significativo nesse particular do que os seus crescentes sucessos de bilheteria. Essa eloquência de algarismos (a magnitude das cifras) não constitue uma adjectivação pomposa; são fatos incontestáveis.

Como se deduz dessas afirmativas, o *São Paulo* não é apenas o reformador do futebol paulista sob os pontos de vistas técnicos e afetivos; as suas atividades refluem vantajosamente também ao campo econômico. O campeão da técnica, antes de pontificar sobre os seus colegas pela superioridade de colocação, já se impusera como o que mais proveitos proporcionava aos cofres da Apea.

VI

ATRAVÉS DA VIDA DO CAMPEÃO

Quando o C. A. Paulistano, dirigido pelo dr. Antonio Prado Junior, tomou a decisão inabalável de abolir o futebol da valorosa e tradicional associação, uma grande lacuna se abria na vida esportiva paulista.

Havia quatro anos que a cisão entre a Apea e a Laf punha em choque a eficiência do futebol paulista. Venceu a primeira dessas entidades, unificou-se o esporte, mas o clube mais tradicional da cidade se retirou para sempre do gramado.

Como era natural, nem todos se conformaram com a decisão da diretoria do aristocrático grêmio do Jardim América. Numerosos associados, tendo à frente o popular Friedenreich, estavam decididos a procurar

uma solução que viesse salvar a situação na melhor forma possível.

A 27* de Janeiro de 1930, o novo clube, integrado por elementos do Paulistano e do extinto Palmeiras, com a adesão de jogadores como Friedenreich, Nestor, Clodó, Bartô, Sergio, Mario Andrada, Joãosinho e Cassiano Passos, sob a presidência do dr. Edgard de Souza, surgia o *São Paulo F. C.*

Foram escolhidas as côres do Paulistano (alvi-rubro) e do Palmeiras (alvi-preto).

O primeiro treino se registrou a 3 de Fevereiro de 1930, no campo da Floresta, tomando nele parte os seguintes jogadores:

Quadro A — Nestor; Clodoaldo e Bartô; Sergio, Rueda e Abate; Luizinho, Otacilio, Joãosinho, Jaú e Passos.

Quadro B — Olavo; Larz e Trigo; Angelo, Amadeu e Alves; Sirirí, Serroto, Friedenreich, Araken e Scot. Venceu o quadro A pela contagem de 4 a 1.

A estreia do *São Paulo* foi a 9 de Março de 1930, cabendo a glória do primeiro goal de sua memorável carreira a Formiga, que já ingressára para o seu quadro.

Deve-se ao *São Paulo* a instituição do futebol noturno em nosso meio, tendo sido o campo da Floresta adotado para esse fim. A 28 de Março o quadro do

Sportivo Buenos Aires e o selecionado paulista feriam a primeira pugna noturna no Estado, tendo os paulistas vencido pelo largo escore de 8 a 1.

A 16 de Março disputava o *São Paulo* o primeiro jogo de campeonato paulista com o Ipiranga, o veterano, no campo da Floresta.

O resultado foi 0 a 0, tendo o tricolor se apresentado com o seguinte quadro: Nestor, Clodó e Bartô; Bock, Zito e Alves, Luisinho, Milton, Fried, Seixas e Zuanela.

Nos jogos do 2.º quadro a vitória sanpaulina foi de 7 a 3.

Começou por esse tempo a predominar o critério profissional na prática do futebol. De começo, as opiniões se subdividiam e estafantes polêmicas se feriram na imprensa. Entretanto, venceu o ponto de vista do profissionalismo, aliás acolhido em tdo o mundo e já então, sob determinados aspectos, até entre nós, pelo menos veladamente.

Implantado o profissionalismo no futebol nacional, coube ao *São Paulo* disputar o primeiro jogo oficialmente, enfrentando o Santos F. C., a 12 de Março de 1933, vencendo-o por 5 a 1.

O quadro vitorioso era composto de Moreno; Silvio

e Iracino; Ferreira, Zarzur e Orozimbo (Rafa), Patri-
cio, Waldemar, Fried, Araken e Hercules. Os tentos
foram de Fried, Waldemar (2) e Araken (2).

O primeiro Estado que o tricolor visitou foi Minas,
seguindo-se o Paraná, a Baía, Pernambuco e o Rio
Grande do Sul.

Já no primeiro campeonato em que se empenhou, o
São Paulo se impôs ao entusiasmo público.

Todos os críticos eram unânimes em afirmar que
uma esquadra valorosa surgia no futebol paulista.

Foi um ano em que a tabela da colocação se caracte-
rizou pelo seu originalismo; nada menos de nove vezes
o *São Paulo* empatou.

De começo, como era natural, não havia uma técni-
ca definida; tudo estava em experiência. O “placard”,
porém, acusou um único revez. O valoroso quadro, no
final das pugnas oficiais, obtinha o título de vice-
campeão. Admirável colocação para um clube que en-
saiva os seus passos iniciais na vida esportiva paulista.

Inúmeros foram os contratempos, todos resultan-
tes da instabilidade do quadro, modificado nada menos
do que quinze vezes. No decorrer do campeonato, 22
jogadores figuraram no seu time.

Chegamos a 1931. Rubens Salles, a gloriosa figura do futebol brasileiro, tomou a si a tarefa de preparar tecnicamente o *São Paulo*.

O primeiro turno do campeonato se encerrava sem melhoria apreciável, tendo-se a registrar a perda de Nestor, inutilizado em luta contra o Palestra.

Estabilizou-se o quadro depois de uma série de vicissitudes.

Rubens, o saudoso e grande animador do futebol paulista, velava pelos seus “onze”.

As colocações eram cada vez melhores. Finalmente chegou o grande dia, aquele em que o *São Paulo* abateu o seu mais valoroso adversário, o Palestra, pela contagem de 4 a 0!

Data de glória para o tricolor, cuja repetição só se daria doze anos depois, diante do mesmo adversário.

O quadro da vitória, em 1931, era o seguinte: Joãzinho; Clodó e Bartô; Milton, Bino e Fabio; Luizinho, Armandinho, Fried, Araken e Junqueira.

Os “goals” foram feitos, no primeiro tempo, por Armandinho e Araken; no segundo (2) por Armandinho.

Depois dessa vitória espetacular, o *São Paulo* parecia definitivamente arregimentado na sua pujança; mas Rubens Salles pouco tempo teria de vida, desaparecendo assim o mais dedicado paladino dos onze

campeões. O clube da Floresta passou então a viver uma nova odisséia de incertezas, as quais culminaram em Abril de 1935, depois da cisão verificada na Apea, com o abandono daquela entidade pelo Corinthians e pelo Palestra, os quais se passaram para a C. B. D., ficando o *São Paulo* onde estava. A cisão apanhava em cheio o valoroso tricolor, então agitado pelas vicissitudes da política interna, na malfadada tendência de fusão com o Tieté. A data de 14 de Maio de 1935 marca um dia ziago na vida do *São Paulo*. Lancemos um véu sobre tudo isso...

Em meio dessa fase negra para o futebol paulista, nem todos os ânimos se abateram diante das duras contingências da realidade.

A “torcida” paulistana não se conformava em ver o quadro sanpaulino fóra do cartaz.

Um dia luminoso raiou — 4 de Junho de 1935!

A ata de fundação do *Clube Atlético São Paulo*, redigida na reunião efetuada na residência do sr. Fernandes Sampaio, recebia 253 assinaturas.

Milhares de *fans* se movimentaram, tendo o número de sócios logo atingido a um milheiro.

A 16 de Dezembro de 1935 — data histórica no futebol paulista — eram aprovados os estatutos do *São Paulo* e eleito presidente Manoel Carmo Meca.

Depois de meses consecutivos em diferentes demarches e contumélias internas, positiva-se a 2.^a fase do glorioso clube.

O tenente Porfirio da Paz logo pôs mãos à obra para organizar os “onze” do quadro titular.

Enquanto Porfirio procurava elementos na Capital, Meca e Del Debbio traziam de Curitiba jogadores valorosos, como King, José e Segôa.

Começaram os treinos e a 31 de Janeiro de 1936 a Liga Paulista de Futebol determinava a filiação oficial do *São Paulo* com as regalías de sempre.

A 25 de Fevereiro de 1936, no campo do Palestra, o *São Paulo* enfrentava galhardamente o Portuguesa Paulista, vencendo-o pela contagem de 3 a 2. Apresentou-se o tricolor com o seguinte quadro: King, Rui e Picareta; Ferreira, José e Segôa; Antoninho, Gabardo, Fogueira Carrazo e Paulinho.

Retomando a sua posição no futebol paulista, o *São Paulo* teve ainda que lutar com sérios obstáculos; mas o ânimo dos seus dirigentes tudo soube vencer. Succederam-se as diretorias, tendo como presidente o dr. Frederico Menzen, Cid Matos Viana, Piragibe Nogueira, o dr. Paulo Machado da Silva, o dr. Tomaz Monteiro da Silva e, desde 29 de Novembro de 1940, o dr. Decio Pedroso.

Há nomes inesquecíveis, aos quais a família sanpaulina deve uma gratidão imarcessível pelas suas operosidades inelutáveis, sempre atentos que foram ou são à afirmação da grandeza do *São Paulo F. C.*, como sejam: Meca, Menzen, Tenente Porfirio, Jaime Roso, Gumercindo Luca, Monsenhor Bastos, Matos Viana, Dioclesiano Pereira Carneiro, Narvaes, Sprovieri, Eolo Campos, Irmão Toledo, Reis, Neves, João Fernandes e muitos outros integrantes do quadro social do clube predileto da Pauliceia.

Consolidada a sua situação futebolística, articulou o *São Paulo* os primeiros passos para ampliar as regalias oferecidas aos seus associados.

A 8 de Março de 1937, reunida a família sanpaulina em assembleia geral, o presidente da mesa, monsenhor Francisco Bastos, lançava um apelo aos sócios e conselheiros do clube, afim de que se empenhassem no objetivo que animava toda a coletividade tricolor: — possuir o seu próprio campo de esportes.

De etapa em etapa, essa obra vai se concretizando. O *São Paulo* visa possuir a mais completa e animada organização atlética do Brasil. Todos os esportes constam do seu programa.

Nesse particular, os seus estatutos são amplos:

“Art. 2.º — A sociedade, cujo tempo de duração é indeterminado, tem por fim:

I — Desenvolver a educação física em todas as suas modalidades, tornando os desportos, cada vez mais, um eficiente processo, não só dessa educação física, senão, também, da educação espiritual da juventude e uma alta expressão da cultura e da energia nacionais;

II — Incentivar por todos os meios, o desenvolvimento do amadorismo, como prática de desportos educativa por excelência e exercer a necessária vigilância sobre o profissionalismo para que se mantenha dentro de princípios de estreita moralidade;

III — Promover reuniões e diversões de caráter desportivas, estéticas, cívicas e recreativas”.

O programa atlético do valoroso clube se amplia extraordinariamente, não tardando o dia em que se efetivará o sonho sanpaulino de ver o campeão instalado esplendidamente na melhor praça de esportes que um clube possa aspirar no Brasil.

Dispensamo-nos de referir todas as particularidades das demarches que se processaram para a organização definitiva do “Club da Fé”, como seja a incorporação dos Estudantes de São Paulo, operada a 12 de Setembro de 1938, por constituir uma etapa supletiva na vida do nosso grande órgão esportivo, já então esplendidamente forte.

Operada a fusão com o Estudantes, embora aos seus técnicos se deparasse um arduo trabalho para harmonizar as tendências combativas de dois quadros diferentes, os resultados logo se mostraram animadores.

Nesse mesmo ano, o 1.º quadro tricolor era sagrado vice-campeão, ao mesmo tempo que o 2.º quadro levantava o título de campeão invicto.

A 26 de Março de 1939 o SÃO PAULO obtinha uma vitória espetacular sobre o Palestra, inflingindo ao velho campeão a maior derrota de sua carreira — 6 a 0!

O valoroso clube se apresentou em campo com Pedrosa, Agostinho e Iracino; Fiorotti, Lisandro e Felpelli; Mendes, Armandinho, Elisio, Araken e Paulo, enquanto o Palestra lá estava com Jurandir; Carnera e Junqueira; Tunga, Dudu e Del Nero; Filó, Lima, Bariloti, Feitiço e Matias.

Armandinho marcou três tentos, cabendo um a Araken, um a Elisio e outro a Paulo.

O ano de 1940 foi extremamente obscuro para o tricolor — qual o clube que não está sujeito a contratempos em sua carreira? — mas, por outro lado marcou o início de uma nova técnica, tendo Ponzinibio sido substituído por Platero.

Nesse mesmo ano assumia a presidência do SÃO PAULO F. C., vaga pelo falecimento do dr. João Tomaz Monteiro, de saudosa memória, o dr. Decio Pacheco Pedroso.

Já no início de sua gestão procurou o grande esportista resolver uma serie de graves problemas que se apresentavam à Diretoria.

Foram criados vários departamentos — de Recepção, de Propaganda, para o Campo, para o aumento do Quadro Social, Universitário, de Futebol Amador, Juvenil e Infantil, e Campeonato Interno, os quais logo entraram em ação, resultando de suas atividades os melhores frutos.

Um fato auspicioso ocorreu nesse período: o SÃO PAULO conquistou a “Taça Ministério das Relações Exteriores”, tendo vencido o Gymnasio y Esgrima, de La Plata, pela contagem de 5 a 2.

O dr. Decio Pedroso podia constatar no seu relatório a sua satisfação diante dos resultados alcançados em um ano que se mostrou obscuro: “Felizmente encontramos um campo fértil para trabalhar e, procurando ativar todas as qualidades emanentes dessa notavel fonte de energias, obtivemos resultados verdadeiramente animadores. O primeiro passo estava dado e bem dado. Restava saber até que ponto chegaria o espírito de cooperação desses profissionais de futebol. Tal incognita só se resolveria ao terminar o torneio. E para esse momento final estava reservado ao nosso Clube o direito de anunciar, mais do que o vice-campeonato conquistado, que os seus jogadores patenteavam haver, ainda, muita reserva moral dentro do profissionalismo”.

poude aparecer sempre mais coeso diante do público, sobrepujando hoje o seu número de associados qualquer outra organização esportiva brasileira.

O trabalho desenvolvido pela sua diretoria desde 1940 é verdadeiramente ciclópico, tendo os seus componentes, dr. Decio Pedroso à frente, orientado o clube mais querido da cidade dentro de um programa amplo e seguro, o que permitiu ao mesmo ascender ao posto culminante do futebol paulista. O orientador máximo viu os seus vaticínios coroados de pleno êxito, como declarou a 3 de Outubro, na primeira hora da vitória: — “Ha um ano eu afirmava que o SÃO PAULO seria o campeão de 1943 e hoje vejo essa minha previsão plenamente confirmada”.

VIII

RAZÃO DE UMA LEGENDA GLORIOSA: “O CLUBE MAIS QUERIDO DA CIDADE”

Por que é o SÃO PAULO a organização futebolística mais popular do Brasil?

Muitos são os predicados que tornaram o valoroso tricolor o conjunto central do esporte brasileiro. De 1940 a esta parte, ainda mesmo quando o seu nome não se ostenta no primeiro plano dos “placards”, os “onze” de Leônidas constituem o conjunto mais popular do nosso país.

A legenda — “o clube mais querido da cidade”, título de ufania para o SÃO PAULO, surgiu de uma proclamação unânime e espontânea da multidão.

Como nasceu essa legenda?

Responde-nos “Arakan”, a brilhante revista da família sanpaulina: — “Nasceu numa tarde ensolarada de 1940, no magestoso desfile inaugural do Pacaembú, por entre aclamações entusiásticas da vultuosa assistência que enchia literalmente a importante praça de esportes. Então, as atenções dessa compacta multidão se dividiam entre a rara beleza do magestoso espetáculo que o próprio estádio proporcionava, e o ritmo alegre e festivo da marcha militar dos clubes esportivos, pela pista de atletismo e pelo gramado propriamente dito. Agremiações de toda a espécie tinham comparecido ao batismo da mais bela praça de esportes da América do Sul. A cerimônia prosseguia com imponência, quando desemboca no tunel de entrada, garbosa, luzida, cheia de vida, a turma de futebol do SÃO PAULO, pequena em número, mas vibrante na impressionante emoção que suas camisetas despertavam. O público, num grito unísono e cheio de entusiasmo, prorompeu em estrondosa ovação. De todos os clubes que desfilaram, o SÃO PAULO foi o mais aplaudido. Assim nasceu o título sugestivo que tem poucos anos de vida, mas que nem todos sabem como apareceu”.

Mezes após, num grandioso concurso instituído numa das “Feiras” periódicas que se realizam na Capital, o público, por maioria absoluta de votos, confirmava ser o tricolor realmente o mais querido da cidade.

Essa repetida consagração das multidões, aliás, foi a gênese de uma popularidade que já ultrapassou as fronteiras do Estado.

Para assistir as partidas em que se empenha o SÃO

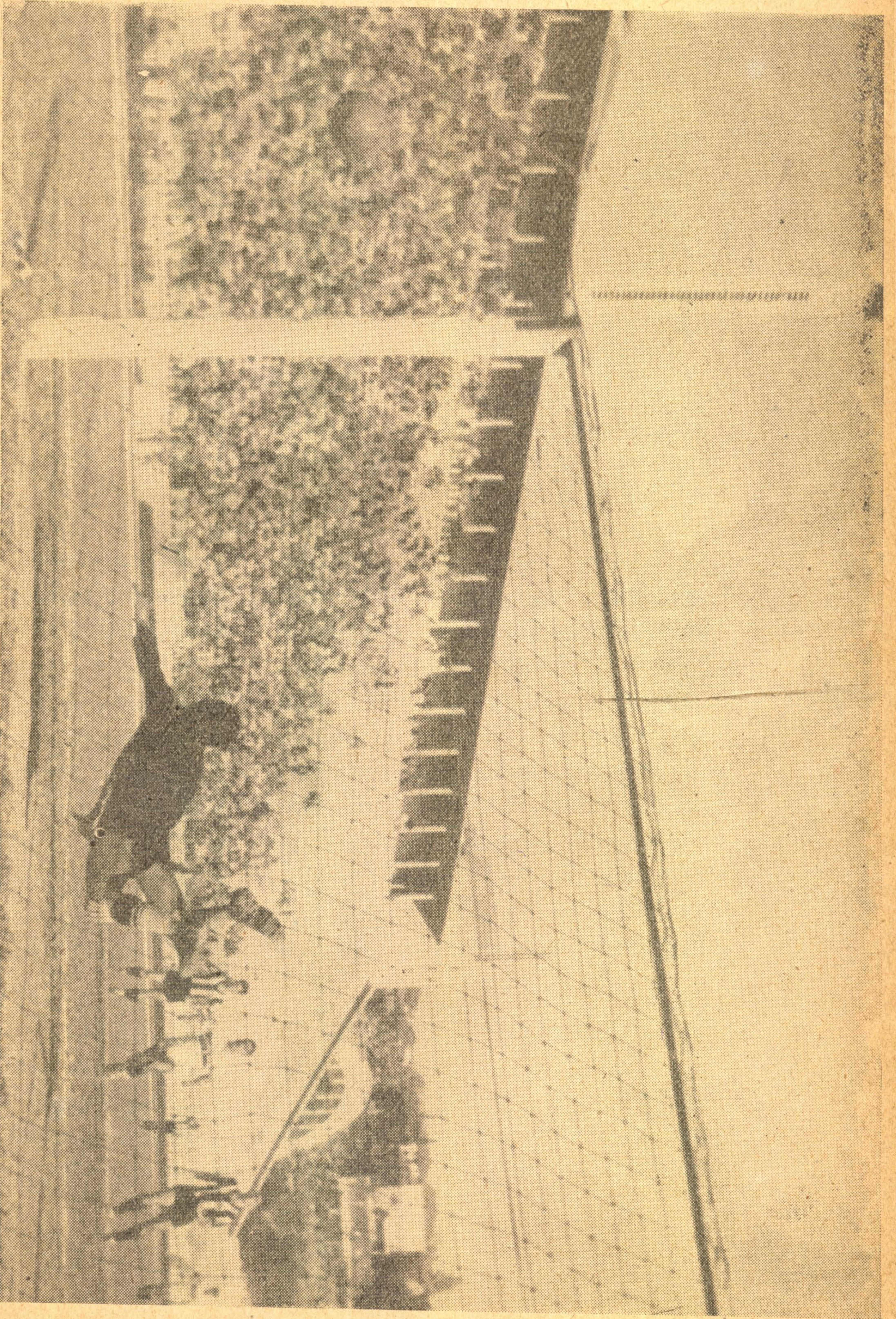
PAULO afluem de todo o interior do Estado trens especiais, abarrotados, porquanto a família sanpaulina está espalhada por todo o “hinterland” paulista, da Capital aos mais invios rincões.

Qual o clube que no Brasil sobrepuja o SÃO PAULO nesse particular?

De boa fé, ninguém poderá negar essa incontestável primazia, espontânea e sincera, porquanto só agora, no prélio de 3 de Outubro, o clube mais querido da cidade ascendeu ao posto supremo do campeonato.

Os *fans* dos craques sanpaulinos, também, são em maior número do que os de quaisquer outros clubes. Algumas figuras do quadro máximo, como Leônidas e Sastre, são nomes de fama internacional, não se circunscrevendo o seu renome à Capital ou ao Estado.

Haverá exagero em classificar de mais querido da cidade um esquadrão que se apresenta como o mais popular do Brasil?



Luizinho vencendo o Barbosa vê corado seus esforços

IX

O FUTEBOL SOB O CRITÉRIO ECONÔMICO

Coube ao SÃO PAULO, na sua segunda e gloriosa fase, valorizar diante do espírito público o futebol brasileiro e os que a ele se dedicam.

De tal forma, especialmente em São Paulo, a indiferença pelo esporte bretão se apossara das massas que os áureos tempos do amadorismo eram tidos como uma idade refulgente que nunca mais voltaria. Todos tinham saudade do Paulistano e no próprio seio de clubes que continuavam no cartaz, como o Palestra e o Corinthians, tudo era saudade daquelas fases que passaram e que ninguém mais julgava que voltasse. As rendas dos prélios mais avantajados era irrisoria, fator fascinante em uma época de franco profissionalismo.

Foi o SÃO PAULO que desenvolveu pelo seu próprio esforço essa cruzada restauradora dos créditos do futebol “association”. Ardua foi a tarefa. Quando se obteve o “passe” de Leônidas por uma importância tão avultada que mesmo os mais otimistas julgavam além das possibilidades do operoso clube, todos os círculos esportivos do país ficaram maravilhados.

O Pacaembú, um estádio que se esboçara grande demais para a cidade, foi insuficiente para acolher a multidão que o São Paulo ali levou desde então nos dias dos seus embates emocionais, aqueles em que se encontra frente a frente com adversários de fibra, como o Corinthians e o Palmeiras.

As rendas dos jogos cariocas, que pareciam astronômicas para o futebol paulista, foram logo suplantadas em muito.

A imprensa, o rádio (com Geraldo à frente) e todos os meios de publicidade se puseram a serviço do futebol, inaugurando-se normas de trabalho ainda inéditas na América do Sul. Passou o futebol à categoria de preocupação natural de todas as classes sociais, atraindo para os campos de peleja dezenas de milhares de pessoas.

Dia virá em que se analisará sob o aspecto econômico a eficiência do futebol na fortuna brasileira. Os nossos clubes não são máquinas exaustoras da economia do país, como certas diversões, especialmente o cinema. O dinheiro que se paga para assistir a um *match* ao ar livre, iluminado pelo sol fulvo e vivendo intensamente momentos acariciados pela nossa sensibilidade é de brasi-

leiros para brasileiros. Nenhum ceartil é desviado dos nossos meios de trabalho ou do nosso organismo econômico.

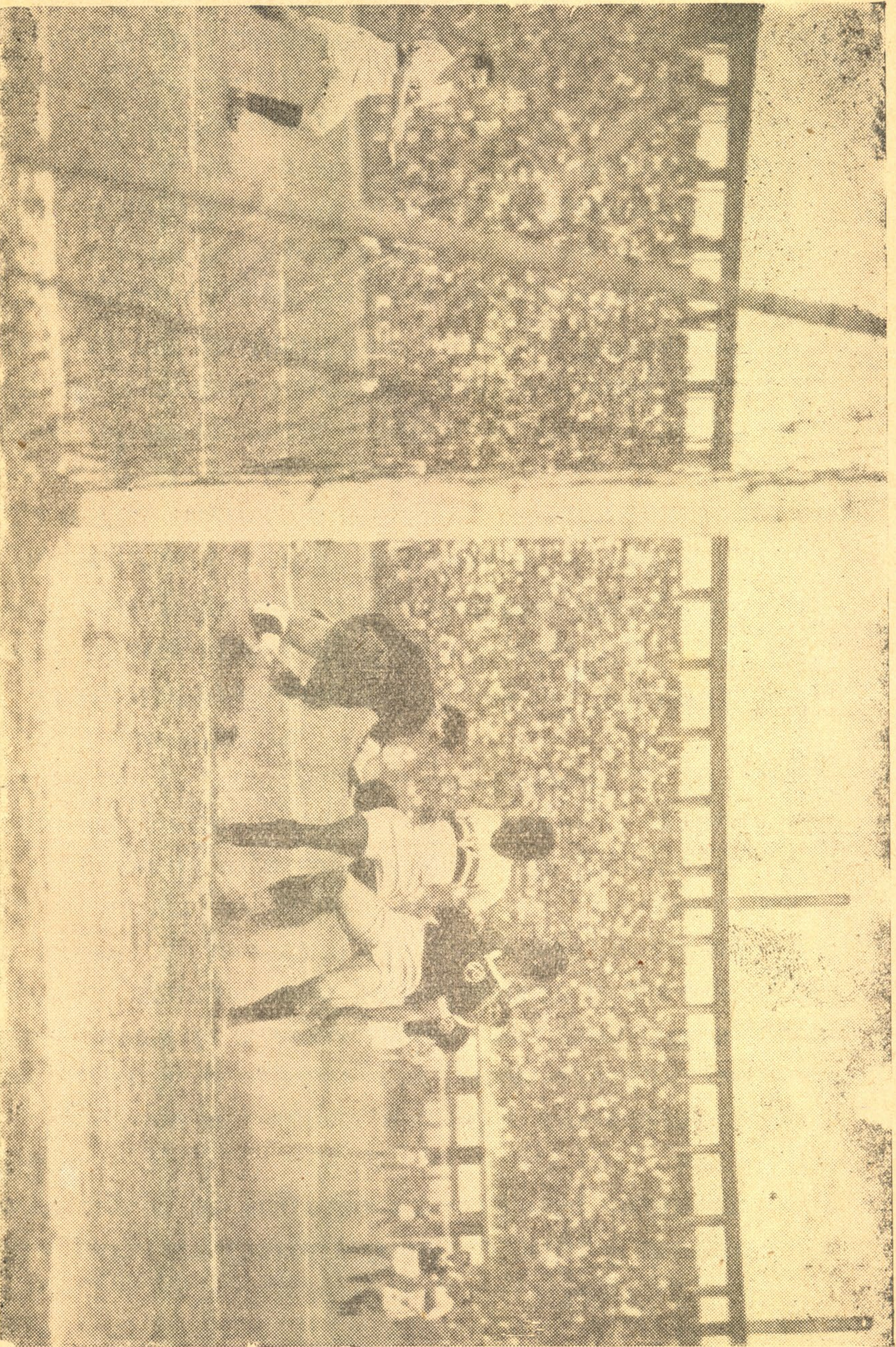
Valorizou-se também a técnica dos nossos craques, possibilitando as mesmas, que transcorrem os anos mais aproveitáveis de sua existência a serviço do público, condições de remuneração perfeitamente enquadradas no seu espírito de sacrifício e de abnegação, porquanto, por uma lei natural ao gênero humano, as reservas de energia corporal do jogador têm um limite inexcidível. Um craque não permanece por muito tempo no cartaz e é de justiça que se recompense o seu trabalho na proporção do valor que encerre.

O futebol brasileiro deve ao SÃO PAULO, além desses, muitos outros serviços, os quais não são negados nem mesmo pelos seus mais relutantes adversários.

A imprensa passou dar ao futebol um relevo primordial em suas páginas, a começar dos mais abalizados órgãos de publicidade. Uma nova falange de críticos — alguns de visão segura, outros mediocres — hoje se ocupam dessa especialidade, na qual, outrora, luziam nomes como os de Sant'Ana e Odilon Penteado.

Irmanado aos sentimentos sagrados na nacionalidade, nesta hora em que a Pátria se empenha ao lado das Nações Unidas pela vitória da civilização, o SÃO PAULO adquiriu, num gesto cívico espontâneo que traduz a sinceridade dos seus afetos, com mil cruzeiros de obrigações de guerra.

Ações como essas revelam profundo sentimento nacionalista, constituindo um ato cívico nobilitante.



Leônidas oferecendo a maior resistência aos adversários, no prêmio vitorioso de
3 de Outubro!

X

O "CLUB DA FÉ" E SUAS VITÓRIAS

O SÃO PAULO, na sua primeira fase — a da Floresta — surgiu como uma continuidade do Paulistano, cuja tradição aquele nobre e atilado espírito que foi Rubens Salles soube transplantar magestosamente para o novo quadro em que se contavam nomes dos mais gloriosos, a começar de Friedenreich.

O apogeu da primeira fase — o de 1931 — que coroou a obra do grande técnico, veio completar-se com o da segunda, a 3 de Outubro de 1943.

A dura e cruel lição do passado, aqueles dias aziagos de 1935, não mais tornarão a implantar-se no seio da família sanpaulina, hoje mais unida do que nunca.

Voltando a ocupar o posto culminante, o SÃO PAULO tenciona ficar de posse do cetro do futebol

bandeirante por anos sucessivos, enfrentando os seus adversários com o ânimo combativo e a lealdade impecavel de sempre.

Nenhuma organização esportiva paulista teve maiores provações e dias de gloria entremeiados do que o tricolor. A sua existência é tecida de lutas e de sacrificios ingentes, nem sempre compreendidos pela critica superficial; mas a sua obra aí está, esplêndida e titânica. Desses embates o grande "Clube da Fé" saiu estupendamente vitorioso.

Nesta hora de gloria é um dever sagrado recordar as palavras do tenente Porfirio da Paz a 24 de Fevereiro de 1937: "Dirijo-me, hoje, aos leais amigos do SÃO PAULO F. C. e aos bravos jogadores do nosso quadro pedindo-lhes com todas as forças do meu coração de fervoroso tricolor que tenham fé nos destinos do nosso amado clube que, se não conseguiu, ainda, ter um patrimônio material de vulto, é grande pelo nome glorioso que tem e é imenso no seu patrimônio moral".

Árduos dias esperavam esse infatigavel sanpaulino, que muitas vezes se viu compelido a tomar atitudes ditatoriais na direção do tricolor. A estrondosa vitória sobre o seu grande rival de sempre, o Palestra, agiu poderosamente sobre o ânimo de todos, começando o tricolor a viver uma fase de realizações esplendentes que está bem longe de encerrar-se. A fé nunca abandonou a família sanpaulina, a mais coesa do futebol brasileiro. Foi esse ânimo construtivo comum que levou o clube mais querido da cidade ao glorioso desfecho da tarde de 3 de Outubro de 1943.

XI

OS JOGOS E OS ARBITROS

O SÃO PAULO sempre colheu as suas vitórias nos gramados paulistas, cariocas, paranaenses, mineiros, baianos ou em qualquer outro pelo arrojo irreprimível dos seus jogadores, os quais vão constituindo um quadro cada vez mais harmônico.

Muitos revezes no futebol são devidos mais à deficiência da atuação do juiz do que aos quadros contendores. As próprias disposições da "Referees Chart" dizem que o juiz é um homem e, como tal, tem que errar. As suas falhas, "de fato" ou "de direito", influem sobre o resultado dos campeonatos.

Como é natural, as reações que provocam essas atuações deficientes no seio das esquadras contendoras e no ânimo das multidões é como que incontrollavel.

O SÃO PAULO tem sido, como qualquer outro seu adversário, prejudicado na sua colocação por essas deficiências. Se por vezes procurou usar de recursos anuladores de partidas, foi levado a isso por um direito inflexível que assiste a todos os clubes. Embora apresentasse sempre os seus argumentos em fatos irrefragáveis, raramente ou, digamos de passagem, nunca teve uma das suas reclamações ou um pedido de anulação de jogo aceitos de um modo satisfatório. É que no Brasil — onde não existe uma escola de *referees* que baseie os seus princípios na ética profissional — muita gente empresta um caráter de infalibilidade ao mais vulgar e compassivo dos arbitros.

As reações do SÃO PAULO e de outros clubes, embora acolhidas muitas vezes com um tom irônico pela crítica apressada dos comentadores — outra coisa que não existe de um modo satisfatório sob o critério da equidade e sob o ponto de vista intelectual entre nós — constituem, pelo menos, um esforço bem intencionado para que os arbitros de elite não sejam excepção mas sim regra geral.

XII

EEEH!... DR. DECIO PEDROSO!...

A figura exponencial do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE, aquela que não mediu espírito de sacrifício para afirmar a pujança social e técnica do tricolor, apaziguando ânimos, fortalecendo o quadro dos “onze” de proa com elementos de primeira grandeza, ativando todos os setores da vida social, criando departamentos esportivos inéditos para o nosso meio, defendendo intrepidamente a organização máxima onde for necessário, impondo (sem qualquer anuência à sensibilidade) mutações no esquadrão titular, resistindo a toda investida que não se coadune com a letra e o espírito dos estatutos, estimulando campanhas onímodas que se coroam

A multidão sabe ritmar os seus murmúrios e os seus impulsos de radiosa alegria como que por uma secreta magia. Essas exclamações vibrantes levam a alma da assistência a um fastígio emocional inenarrável, suspendendo-a numa coesão divinal.

Dezenas de milhares de semblantes acompanham os rodopios e as trajetórias miraboleantes do couro, tocando o entusiasmo ao seu paroxismo quando a rêde é violentamente sacudida, marcando de um novo tento no *placard*.

A torcida, hoje, não é apenas aquela que comparece às partidas. Ela vibra por toda a parte, cidade em fóra e através do “hinterland”, quebrando-se as ondulações do rádio que leva o relato da sucessão da peleja ao encontro dos contrafortes andinos ou perdendo-se nas campinas pampeiras e nos labirintos do estuário amazônico. Todo o Brasil concentra a sua atenção nessas esquadras que se degladiam nesse tapete verde.

A “torcida” não age apenas no campo; ela vibra diante do alto falante dos jornais ou dos cafés, na placidês do lar, no trem, no ônibus e no auto que rolam a cem quilómetros à hora. Ela se adianta à peleja, forma ídolos, arquiteta planos cerebrinos, exulta diante dos sucessos e não se abate ainda mesmo nos revezes mais lascinantes.

O *frisson* que leva em suspenso as multidões paulistas de anos a esta parte em uma partida esportiva foi obra da torcida sanpaulina, desse conjunto genial que empresta um colorido singular às suas manifestações de júbilo: a camisa estandardizada, a serpentina, o balão,

o confeti, a bomba, o foguete, o cartaz, a orquestra, o choro, o assobio e mais mil e um recursos, da marcha *aux flambeaux* aos pingentes arregimentados dos bondes — tudo reflue em afirmação da gloria do futebol bandeirante.

O elemento feminino é a alma desse corpo, emprestando um carater afetivo, profundamente emocional, a essas pulsações das equipes que se agitam para a vitória. Como sempre, a mulher se apresenta na “torcida” com todos os seus atributos de inspiradora das grandes coisas.

Os cronistas de elite, um Henri Montherland, um Jean Prevost, um Ciampitti, um Wesley, um Bagehot, para só falarmos de poucos, já nos deram excelentes ensaios sobre a influênciã da mulher na vida esportiva. Quando os nossos críticos abordarem esse terreno psicológico, evidentemente mais importante do que as picuinhas da vargem e do que o calão forçado que nada exprime, terão dotado a nossa literatura esportiva de algo de interessante. Com efeito, a psicologia da torcida é um capítulo complexo que escapou à argúcia de Le Blon.



Os "onze" sublimes do campeonato de 3 de Outubro de 1943

XIV

NA ESPECTATIVA DA VITÓRIA

O SÃO PAULO, de 1937 a esta parte, estava fadado a brilhar nos prélios em que se empenhou. O seu roteiro desde então não tem sido, por certo, um mar de rosas; mas a tenacidade combativa dos seus "onze" nunca se desmentiu nem se curvou diante de resultados adversos.

Em 1942, depois de uma série de partidas que renunciavam resultados mais apreciáveis, vimo-lo colocado em terceiro lugar, depois do Palmeiras e do Corinthians. Era, apesar de tudo, o pórtico de uma situação triunfal que se manifestaria no decorrer do sucessivo campeonato.

O primeiro turno, de início, não se apresentou sobremodo alviçareiro para o SÃO PAULO, que sofreu alguns revezes, até de adversários que não eram temidos pelos seus craques.

Em Junho, porém, o tricolor inaugurou uma nova fase na sua atuação. Não se registraram mais exibições apagadas, como aquela que se verificou com o Juventus. A atitude enérgica e desassombrada de Decio Pedroso, rompendo com preconceitos que não se coadunavam com as necessidades da técnica em sua plenitude, incutiu ao time a força espiritual de que necessitava.

Jorge de Lima (Joreca) esboçou as diretrizes que deveriam resultar no primeiro sucesso sobre o Santos. A opinião pública — a grande comentadora — viu nesse “elan” do tricolor um prenuncio de dias melhores.

E assim, de etapa em etapa, o dia da vitória final começou a aproximar-se com melhores perspectivas.

O SÃO PAULO, porém, sabe lutar. Não se abate o “esquadrão de aço”, que passou a ser disciplinado dentro de novas normas táticas, deduzidas de um estudo meticuloso diante das condições de cada adversário a enfrentar. Em estratégias de futebol não se admitem cristalizações; impõe-se uma constante renovação.

Os clubes líderes do esporte paulista — o SÃO PAULO, o Corinthians e o Palmeiras, constituem o conjunto mais forte do esporte brasileiro, brilhando os seus elementos em todas as competições no país ou no estrangeiro.

A tática dos embates não deve, entretanto, envolver apenas as relações que se apresentam entre essa trindade. Quantas vezes um esquadrão que se cobre de louros em embate com um adversário de fibra não cai diante de outro cuja colocação na tabela do campeonato é mediocre? São esses revezes que poem às claras as deficiências da técnica.

Com Joreca voltamos aos dias de Rubens Salles, o grande animador do SÃO PAULO da primeira fase, aquela que se encerrou em 1935 sem o alento do saudoso técnico, que certamente, se então vivesse teria evitado esses dias obscuros na vida do SÃO PAULO.

As vitórias sobre outros times, obtidas algumas com larga diferença de pontos e outras com vantagens menos apreciáveis, fizeram com que o tricolor chegasse diante de um dos seus mais temíveis adversários, o Corinthians, em uma situação que impunha aos seus craques um grande esforço técnico e combativo.

A vitória sobre esse valoroso quadro até então colocado em posição de relevo, poz o tricolor na “bica” do campeonato. Só um adversário restava a abater antes de enfrentar-se com o campeão de 1942. Essa tarefa foi vencida com a galhardia de sempre, dentro dos princípios básicos da tática de Joreca.

O grande dia se aproximava... Pela primeira vez na história do futebol paulista três campeões se encontraram em situação de paridade.

XV

3 DE OUTUBRO DE 1943!

Raiou finalmente a madrugada desse dia tão ansiosa e febrilmente esperado.

Em cada semblante se lia claramente uma ignota. Quem venceria? Dispensamo-nos de qualquer comentário sobre a partida, porquanto acerca de suas particularidades já se externaram largamente abalizados críticos, como Geraldo Bretas, além de todos os cronistas, de "Olimpicus" a Calabrese, de Rubens Neto, a "Petrus". Foi um embate admirável pelo seu equilíbrio, havendo-se ambos os quadros contendores com rara galhardia.

Os "onze" do tricolor desenvolveram, com uma "perfomance" de elite, um jogo rigorosamente técnico.

King foi um possante artífice da conquista do campeonato, tendo a sua atuação agradado a toda a assistência. Nos minutos finais, quando o Palmeiras entrou conjugar os seus clássicos botes de última hora, foi o arqueiro sanpaulino de raro arrojo ao defender um tiro decisivo de Gonzalez. Em todas as defesas, uma delas quasi fatal, não perdeu o controle de sua posição. As suas atuações foram ótimas, assegurando o vitorioso empate.

Piolim, como sempre, também se opoz aos palmeirenses com firmeza e decisão, dentro de sua fleugma absoluta.

Virgilio foi o grande atuador da defesa, o nome culminante do dia, tendo salvado a sua cidadela de situações difficilimas. Em três ocasiões consecutivas, vimo-lo por a salvo a sua méta com um ardor combativo impressionante, cabendo-lhe a gloria de salvar um tento palmeirista que parecia consumado.

Zeze Procopio soube atuar com energia no seu posto, emprestando ajudas oportunas à defesa e consolidando os ataques.

Zarzur brilhou na ação defensiva, tendo embaraçado diferentes ataques dos adversários.

Noronha — embora não estivesse em um dos seus melhores dias — atendeu plenamente ao seu setor.

Luizinho foi o avante mais expedito do ataque em todo o campo, chegando a crear situações atribuladoras para Oberdan, que aliás se acompanhou de rara felicidade na defesa de um tento em cheio, lançado com precisão de relâmpago.

Sastre, contundido logo no início da peleja, ficou impossibilitado de mostrar toda a sua eficiência na extrema direita.

Leônidas, extremamente marcado, não pôde desenvolver a sua atuação com toda a eficiência que desejara, embora muito desse que fazer a Og, Osvaldo e Junqueira. Como “Diamante” de fino quilate, brilhou apreciavelmente.

Remo se confinou mais na defesa, atuando como um colaborador eficiente do seu quadro.

Pardal, embora não conseguisse sobrepujar Brandão, fez o que esteve ao seu alcance.

A assistência, essa vibrava intensamente, presa de emoção indefinível, embora o *placard* permanesse virgem até o final da peleja.

Quando Tijolo apitou o transcurso do segundo final, a “torcida” sanpaulina deu vasão ao seu entusiasmo. Foi um momento indiscreto: o SÃO PAULO — Campeão de 1943!

Depois de doze anos de lutas gloriosas, entremeiados de desilusões, a equipe sanpaulina, que esteve na “bica” da vitória em 1938, em 1941 e em 1942, conquistava pela segunda vez o título de campeão.

Rubens Salles na primeira fase e Joreca na segunda foram os condestáveis da vitória. Coeso, altivo e possante, o clube mais querido da cidade recebia a mais estupenda das consagrações.

Todas as correntes do esporte nacional são hoje

unânicos em reconhecer que devemos ao espírito construtivo do SÃO PAULO a extraordinária ascensão que se registra no futebol brasileiro.

A vitória do tricolor não se esboçou apenas no gramado. Nesta hora de glória não ficarão esquecidos os nomes de Virgílio Lemos da Silva, de Helvecio Bastos, de Porfirio da Paz, de Sebastião Pais de Almeida, de Piragibe Nogueira, de Nelson Fernandes e, sobretudo, Jorge Gomes de Lima e do dr. Decio Pacheco Pedroso. Em todos os setores da vida sanpaulina as atividades se projetaram nesse escopo comum, hoje esplendidamente aureolado pela glória.

A vitória que se consubstanciou a 3 de Outubro de 1943 deve constituir um trampolim para outras conquistas ainda mais gloriosas. O desfile triunfal que a família sanpaulina levou a efeito através das vias da metrópole titânica fez vibrar a alma da multidão.

Cem mil pessoas se irmanaram no seu entusiasmo nessa noite de deslumbramento, nessa parada luminosa que, mais uma vez, comprovou a sua qualidade de clube mais querido da cidade.

Marchemos para novas vitórias, sempre conduzido pela fé que anima os heróis olímpicos.

SALVE "SÃO PAULO" — CAMPEÃO DE 1943!

ÍNDICE

	Págs.
Como nasceu este livro	13
O espírito de equipe	15
O valor da técnica	21
O estadio e a méta	27
Disciplina, lealdade e conquista	31
O ídolo das multidões	35
Através da vida do campeão	37
Promessas que se cumprem	49
Razão de uma legenda gloriosa: "O clube mais querido da cidade"	51
O futebol sob o critério econômico	55
O "club da fé" e suas vitórias	59
Os jogos e os arbitros	61
Eeeh!... Dr. Decio Pedroso	63
Elogio da "torcida"	65
Na expectativa da vitória	69
3 de Outubro de 1943!	73

PROCUREM LÊR DO MESMO AUTOR

Cidades que renascem

O correjo límpido dos Pampas

Os encantos de Goiás

PATRIÓTICAS CONTRIBUIÇÕES PARA A
HISTÓRIA DO BRASIL NOVO — DOS ESTA-
DOS DE S. PAULO, GOIÁS E RIO GRANDE
DO SUL

EM TODAS LIVRARIAS

Digitalização
Giancarlo Zapelloni

Tratamento de imagens
Edição e montagem
Michael Serra



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ